

# Validando o psicodrama

A CURIOSIDADE E O SISTEMA  
MORENIANO

SÉRGIO GUIMARÃES



*VALIDANDO O PSICODRAMA*

*A curiosidade e o sistema moreniano*

Copyright © 2024 by Sérgio Guimarães

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Michelle Campos**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

## **Editora Ágora**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

INTRODUÇÃO — AFINAL, O PSICODRAMA VALE MESMO QUANTO PESA? . . . . .	7
1. DE BEACON PARA O MUNDO: VALIDAR, SIM, MAS PRIMEIRO DIFUNDIR . . . . .	15
2. VALIDAR O PSICODRAMA, COMO? “OS DOIS MÉTODOS PODEM SER COMBINADOS” . . . . .	33
3. VALIDANDO A <i>AUTOBIOGRAFIA DE UM GÊNIO</i> : ATÉ QUE PONTO? . . . . .	61
Prefácio . . . . .	69
Introdução — Autobiografia de 160 milhões de gênios . . . . .	69
O porquê da palavra “gênio” no título . . . . .	70
Definição de gênio . . . . .	72
Reflexões sobre gênio . . . . .	73
Período de transição . . . . .	74
A origem da culpa . . . . .	76
A história do dinheiro . . . . .	78
Dinheiro nos Estados Unidos . . . . .	79
Pré-diálogo I, parte 1 — As palavras cósmicas . . . . .	80
Pós-diálogo I, parte 2 — O Deus “Tu” . . . . .	82
Sobre o existencialismo . . . . .	83
Resistência ao psicodrama . . . . .	84
A neurose histriônica de Eleonora Duse . . . . .	84

A "síndrome histriônica" . . . . .	86
1925, o novo mundo . . . . .	86
Sobre o Pai . . . . .	87
Dr. Bruno Solby, diretor de psicodrama . . . . .	89
Dos 14 aos 24 anos, "a época clássica" . . . . .	91
O caso do soldado que ouvia a voz de Deus. . . . .	94
O caso de Hilda . . . . .	97
O caso do ladrãozinho . . . . .	100
A noite em que tentei colocar Freud no divã alucinatório . . . . .	104
1969: o reencontro com Marian. . . . .	109
Uma palavra nova . . . . .	111
Cinco parágrafos discutíveis. . . . .	113
Epílogo — O amadurecimento do psicodrama e a morte do seu criador . . . . .	118
4. ATENÇÃO À CURIOSIDADE: O TERCEIRO FATOR? . . . . .	129
REFERÊNCIAS . . . . .	173

# Introdução

Afinal, o psicodrama vale mesmo quanto pesa?

ATENDENDO A PEDIDOS, GARANTO: desta vez vai ser um livro fino.

— *Leve, finíssimo?*

— Nem tanto, caro mestre. Aliás, recorrendo a um deles, basta consultar mestre Houaiss (2009, p. 1919) para que a gente logo se dê conta do desafio. Em ordem alfabética, é só começar por:

**Valer** — corresponder em valor a; equivaler; custar; fazer jus a, ser digno de, merecer; ser digno de apreço, de valorização; ter valor, crédito, validade ou eficácia; ter utilidade; aproveitar, servir; prestar auxílio, socorrer, ajudar; mostrar-se capaz de; conseguir;

— E olha que nem estou incluindo todas as acepções. Tem mais:

**Valia** — aquilo que uma coisa vale, seja como valor intrínseco (decorrente de sua natureza, da substância de que é feita etc.), ou extrínseco (decorrente de estimativas subjetivas, de práticas de mercado etc.); preço, valor; utilização proveitosa de algo ou alguém; utilidade, serventia, eficácia, validade; proteção que se dispensa a algo ou alguém;

**Validação** — ato ou efeito de validar, de tornar ou declarar algo válido, legítimo; validamento; teste que comprova a validade, a correção ou concordância com padrões etc., de dados introduzidos num sistema de computador; legitimação de um ato de acordo com as determinações legais, que o torna juridicamente eficaz, ou capaz de produzir efeitos de direito;

**Validade** — qualidade ou condição de algo que se encontra em condições de produzir os efeitos dele esperados; valimento; valia; característica presente no ato jurídico que não possui nenhuma causa de nulidade, que foi concluído com observância de todas as determinações e formalidades exigidas por lei;

**Validar** — tornar(-se) ou declarar(-se) válido, conforme aos preceitos vigentes; legitimar(-se).

— Bom assim, ou quer mais?

— *Melhor não, que pode ter gente desistindo logo de entrada. Não você, claro, mas quem sabe aquela ou aquele ali.*

O fato é que esse tema não tem merecido grande atenção, pelo menos na literatura especializada do país. Se você fizer uma consulta ao conjunto de artigos publicados pela *Revista Brasileira de Psicodrama*, por exemplo, verá que esses termos trazem poucos resultados.

Em um deles, “A integração da herança de Moreno”, o pesquisador e autor René Marineau (2013, p. 122), reconhece que “precisamos desenvolver instrumentos, ferramentas para validação do nosso trabalho”. Ele insiste que, “se a perspectiva moreniana é a de ajudar, precisará garantir um conhecimento de todas as fontes, explicar seu raciocínio, validar através de muita pesquisa e traduzi-la em métodos adaptados a este século”.

— *Muito bem, mas quem vai fazer isso?*

Este livro traz uma primeira abordagem do assunto, a partir do próprio Jacob Levy Moreno. Ele não só insistiu nisso, mas apresentou claramente sua visão a respeito ao publicar, em 1968, um artigo — curto, é verdade, mas incisivo — sobre “a validade do psicodrama”. É o que aparece no segundo capítulo.

No primeiro, “De Beacon para o mundo: validar, sim, mas primeiro difundir”, trato de resumir os esforços feitos pelos Moreno (Zerka e ele) para disseminar o novo método, uma vez terminada a construção do “sistema geral dos métodos psicodramáticos”. Foi assim que Moreno passou a chamar o sistema por ele montado com a ajuda de Zerka, como já tive a oportunidade de contar em *Moreno, o mestre* (Guimarães, 2020, p. 289).

Já no segundo capítulo, “Validar o psicodrama, como? ‘Os dois métodos podem ser combinados’”, o que se vê internacionalmente é que não faltam trabalhos apreciando processos e resultados. O próprio Moreno (1968b) aponta dois modos distintos de validar o psicodrama: o recurso a uma validação “existencial”, que deve ser separada “definitivamente” de uma validação “científica” (p. 3).

É verdade que a posição de Moreno foi sucinta, resumida a um palmo de página. Em compensação, o professor estadunidense John Mann se sobressai pela compilação publicada dois anos antes de Moreno, em seu artigo “Avaliação da psicoterapia de grupo — Uma revisão das evidências” (1966). Nele, Mann reconhece que, no campo da psicoterapia de grupo, a avaliação científica tinha sido “em grande parte descuidada”, mas sustenta que “um *corpus* importante de pesquisas avaliativas se acumulou”, listando 41 estudos, cinco dos quais relacionados à “psicoterapia de grupo psicodramática” (p. 129-130).

O que aparece no terceiro capítulo é a tentativa de esclarecer os desdobramentos de uma história mal contada. O que há de

realidade objetiva no último esforço de Moreno para colocar no papel sua *Autobiografia de um gênio*? E de realidade suplementar, há algo? Com certeza, mas o quê? Tudo bem com essa versão publicada finalmente em 2019? Veremos. Já sabemos que, por ocasião do centenário oficial do nascimento dele, em 1989, uma versão abreviada da *Autobiografia de J. L. Moreno, médico* tinha sido publicada em dois números distintos (primavera e verão) do periódico *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama & Sociometry* [Revista de Psicoterapia de Grupo, Psicodrama e Sociometria].

— *E daí, qual é o problema?*

Acontece que o tempo foi passando e só chegava ao público a versão abreviada. Vinte e três anos depois, ao me debruçar sobre esse material — durante o período em que pesquisava psicodrama para uma tese de doutorado —, fui comparando esse texto com o que o biógrafo René Marineau havia utilizado em seus livros. Aí me dei conta de que as fontes citadas por ele para a autobiografia indicavam uma versão editada por Jonathan Moreno em 1985, supostamente depositada nos arquivos da biblioteca Francis Countway, da Faculdade de Medicina da Universidade Harvard.

O porém: a versão de 1985 não estava onde deveria estar, o que me fez ficar pelo menos com uma pulga atrás de cada orelha. O que acabei descobrindo é que, como diz o povo, tinha carne debaixo desse angu, e o trabalho de validação da *Autobiografia de um gênio* teve de ser feito como quem cata piolho. O fio todo dessa meada você vai encontrar no Capítulo 3, onde apresento também uma série de textos inéditos do próprio Moreno, não incluídos na edição de 2019. Entre eles estão, por exemplo, o elucidativo “Resistência ao psicodrama”, “O caso do soldado que



ouvia a voz de Deus” e o delirante “A noite em que tentei colocar Freud no divã alucinatório”.

Quanto ao Capítulo 4, “Atenção à curiosidade: o terceiro fator?”, começa e termina com uma pergunta básica, a ser dirigida psicodramaticamente ao próprio criador do psicodrama moderno. Digo “criador do psicodrama moderno” e não apenas “criador do psicodrama” por uma razão concreta. É que, como eu já tinha tido a oportunidade de demonstrar em *Moreno, o mestre*, antes do nascimento dele já se havia praticado na Alemanha um outro tipo de psicodrama. Esse gênero artístico — situado entre a literatura e o teatro — fora criado por um tal Richard von Meerheimb, que chegou a publicar, já em 1888, *Psychodramen*, um livro com essa palavra no título (Guimarães, 2020, p. 31-43). Esse quarto capítulo levanta a hipótese de que o fenômeno da curiosidade seja considerado um terceiro fator do sistema moreniano, juntamente com as já profusamente badaladas espontaneidade e criatividade, atuando também como catalisador do processo psicodramático. Além de constatar a escassez de trabalhos produzidos a respeito pela literatura especializada e de analisá-los brevemente, fui procurar na história o desenvolvimento desse fenômeno. É inegável, por um lado, a insistência de vários pensadores, sobretudo intelectuais da Igreja Católica, quanto aos aspectos negativos associados a esse “apetite de saber”, como quer santo Agostinho, ou a esse “estudo para esquadrihar o que sabemos, sem qualquer utilidade”, como define santo Anselmo.

Já em tempos mais modernos, fui buscar, tanto em Sigmund Freud como em Jean Piaget, elementos concretos que dão valor a *Wißbegierde* (Freud, 1909) — que o dicionário *Langenscheidt* (2002) traduz como “desejo de saber” — ou ao estudo dos porquês, quando Piaget (1923a, p. 155-156) procura distinguir, por exemplo, “o que é ocasional do que é duradouro na curiosidade de uma criança”.

Além de investigar, na literatura moderna sobre uma psicologia da curiosidade, os trabalhos-chave desenvolvidos sobretudo pelo canadense Daniel Berlyne e pelo estadunidense George Loewenstein, procurei detectar as principais contribuições oferecidas pelos pesquisadores dedicados à psicologia animal. É o caso, por exemplo, do polonês Wojciech Pisula, não apenas por recuperar os achados de Charles Darwin, por ele considerado o primeiro zoopsicólogo, mas ainda por seus estudos sobre o fenômeno, constatando que “curiosidade, brincadeira e inteligência juntas formam uma tríade indissociável na evolução dos vertebrados” (Pisula, 2009, p. 13). É esse autor, aliás, quem faz uma análise crítica a um ponto fundamental das pesquisas sobre a curiosidade, ao questionar a lógica da neofobia (o medo da novidade) e da neofilia (atração pela novidade) como “extremos opostos da mesma dimensão/processo”.

Não vou aqui desbobinar a história toda, mas cabe apontar nesses trabalhos o fio condutor que leva da psicologia animal à psicologia positiva formulada por Todd Kashdan (2010) a respeito da curiosidade. É dele a afirmação sobre a existência de “uma linha narrativa simples de como a curiosidade é o motor do crescimento” (p. 21).

— “E aí, dr. Moreno, alguma observação a esse respeito?”

A pergunta é feita ao formulador da célebre definição de espontaneidade, dada por ele em sua obra-prima *Quem sobreviverá?* (1953) como “o grau variável de resposta apropriado a uma situação de grau variável de novidade” (p. 722). E quem responde é o jovem J. Levy, lembrando um verso do primeiro poema homônimo de seu livreto *Einladung zu einer Begegnung* [Convite para um encontro], publicado na Viena de 1914: “Uma resposta produz cem perguntas” (Levy, 2014, p. 7).

É melhor dar uma olhada mais detida nesse capítulo final, para termos uma ideia clara de como chegamos, curiosamente, de volta a Jacob Levy. Cabe informar ainda que, com este livrinho, fecho o ciclo de uma trilogia iniciada em *Moreno, o mestre* (2020), desenvolvida em *O psicodrama antes e depois de Moreno* (2022) e arrematada com este *Validando o psicodrama*. E mais não digo, por enquanto, a não ser se perguntado.

# 1. De Beacon para o mundo: validar, sim, mas primeiro difundir

QUANDO ZERKA T. MORENO publica o artigo “A survey of psychodramatic techniques” [Um levantamento das técnicas psicodramáticas], em 1959, a pedido do dr. Jacob Levy Moreno, seu parceiro, o desenvolvimento conceitual do psicodrama estava chegando a seu ponto culminante, como filosofia e método de ação. Como já tive a oportunidade de mencionar em *Moreno, o mestre* (Guimarães, 2020, p. 290), Zerka (1959, p. 14)<sup>1</sup> aí observa que “o número de aplicações do método psicodramático é praticamente ilimitado, ainda que o núcleo do método permaneça inalterado”.

Mesmo assim, seis anos depois, ela publica um último artigo normativo, “Psychodramatic rules, techniques, and adjunctive methods” [Regras, técnicas psicodramáticas e métodos auxiliares]. A essa altura, já não resta dúvida de que o desenvolvimento do psicodrama estava praticamente consolidado. A partir dali, como comentei naquele livro, “as mudanças sugeridas por Moreno e Zerka não alterarão substancialmente a teoria ou os procedimentos práticos do psicodrama” (Guimarães, 2020, p. 293).

No último parágrafo desse artigo de 1965, aliás, Zerka formula uma “questão importante que ainda precisa ser respondida”,

---

1. Como o autor muitas vezes se refere a Zerka sem citar seu sobrenome, faremos o mesmo nas citações bibliográficas. Manteremos a data da publicação, para que esta possa ser localizada nas Referências, sob a rubrica Moreno, Z. T. [N. E.]